

Tudo isso foi um avanço importante, devido a boa performance do México quanto a seu balanço de pagamentos e inflação. O Brasil, certamente vai, em 84, ter um ajustamento importante em sua economia e vai voltar ao mercado em 85 em condições bem mais favoráveis — previu. Essa negociação de 85 será feita ainda no segundo semestre deste ano. Perguntou um repórter: "Então a próxima renegociação ainda é sua?" Pastore limitou-se a responder: "Talvez".

Disse ainda que os demais itens da negociação com os bancos (reestruturação da dívida, créditos para a exportação e interbanco) estão "OK". Os créditos para a exportação estão até acima do esperado, o que considerou importante, pois o Brasil precisará fazer um superávit ainda maior na balança comercial este ano. O interbanco, segundo Pastore, está em 5,9 bilhões de dólares.

Quanto à posição do Governo inglês de se opor à concessão ao Brasil de créditos para financiar as importações, informou que o total desses créditos, garantidos por vários países, é de 2,5 bilhões de dólares. "A participação inglesa é pequena, pouco mais de 100 milhões de dólares, e, se não for efetivada, será coberta por outros países por disposição contratual. Mas nós fazemos questão de que a Inglaterra participe, pois é potencialmente um parceiro importante do Brasil", acrescentou. Negou que a posição inglesa tenha qualquer associação com a atitude adotada pelo Brasil no conflito das Malvinas.

Abertura a bancos estrangeiros

Para o presidente do BC, não há, no momento, qualquer possibilidade de se modificar a posição do Governo brasileiro quanto a abertura de novas agências de bancos estrangeiros no país. "Quem tem, tem; quem não tem, não tem, nem terá num futuro visível", sentenciou Pastore, ao garantir que o assunto não foi discutido na renegociação da dívida. Ele classificou ainda de "loucura" rumores de que o Brasil teria pago os atrasados sobre os juros da dívida até 4 de outubro (para evitar chegar a 31 de dezembro em posição non performing) com um cheque voador de 200 milhões de dólares.

— Nós fechamos o ano com uma posição de caixa mais alta do que estávamos acostumados a ver no início, quando assumi o BC — disse, garantindo que, quando a primeira parcela do jumbo for liberada, o que deverá ocorrer no final de janeiro, o Brasil deverá acabar com a centralização do câmbio.

Para o presidente do BC, em 1984 o Brasil vai viver ainda apertado. Ele prevê a queda da inflação já no primeiro semestre, como consequência de políticas monetária e fiscal apertadas. No primeiro da recessão e depois, no segundo, uma pequena recuperação. Essa recuperação e a queda da inflação serão ajudados pela grande safra agrícola esperada, que terá impacto no preço dos alimentos e transtabiliza a situação política. Pastore não acredita que o calendário político intenso deste ano, principalmente no segundo semestre, venha a ter influências sobre a recuperação ou o programa econômico.

assinar “jumbo”

NEGÓCIOS & FINANÇAS

Brasil espera US\$ 150 milhões para

Nova Jorque — O Brasil só assinará o pacote da renegociação de sua dívida quando o empréstimo **jumbo** chegar a 6,5 bilhões de dólares, garantiu ontem o presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore. Manifestou sua certeza de que, no meio da próxima semana, esse total deverá ser atingido. "Se não assinarmos dia 16, assinamos dia 17 ou dia 18, mas só assinamos completo", garantiu. Pastore passou três dias em Nova Jorque, negociando numa sala do Citibank, assessorado por seu diretor da área externa, por funcionários de bancos como o Manufacturers Hanover e gastou cerca de 10 horas por dia ao telefone, falando com mais de 100 bancos em vários países, principalmente do Oriente Médio, para arrancar o compromisso de participar da fase 2 da negociação da dívida do Brasil. Até ontem, segundo Pastore e o comitê de assessoria, haviam 6 bilhões 360 milhões de dólares comprometidos por telex.

Condições não mudarão

Muitos bancos condicionaram sua participação no **jumbo** a seu fechamento mas, para o presidente do BC, isso não influir na decisão brasileira de só assinar quando houver 6,5 bilhões. "Nós consideramos fundamental ter, junto ao FMI, os 6,5 bilhões fechados", garantiu. No início da manhã de ontem, ainda havia entre banqueiros americanos a posição de que o contrato poderia ser assinado mesmo sem estar completo e alguns consideravam "difícil" que o **jumbo** fosse fechado até o dia 16. Após a entrevista de Pastore, a posição geral era algo diferente. Um banqueiro ligado ao comitê de assessoria garantia que não havia qualquer problema entre o Brasil e os bancos e afirmava que "estamos trabalhando duro para fechar o pacote no dia 16".

Pastore negou que o Brasil possa ainda este ano pedir uma revisão das condições obtidas junto aos bancos, devido à redução para 1% do **spread** (taxa de risco) obtido pelo México. "Nós vamos rediscutir o problema em 85. Agora, a negociação de 84 está fechada". Considerou que "o México conseguiu melhorar ainda mais as condições obtidas pelo Brasil em sua negociação de 84, ganhando mais um ano de prazo (o Brasil teve nove e o México 10), baixando a taxa de juros para 1% sobre a **libor** (taxa do euromercado) e aumentando a distância do **spread** sobre a **libor** e a **prime rate** (taxa preferencial nos EUA).

divida externa